

AS EXPERIÊNCIAS DO PIBID MATEMÁTICA: UM OLHAR SOBRE A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Érica Cordeiro da Silva

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro
ericacordeirodasilva@hotmail.com*

Alessandra Nepomuceno Prata

*Universidade Federal do Triângulo Mineiro
alessandra_nepomuceno@hotmail.com*

Resumo:

Durante as experiências vividas em sala de aula através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID – foram realizadas observações participativas com a participação do professor supervisor nas duas escolas participantes do PIBID ligadas ao subprojeto matemática, entre as mais diversas situações presenciadas no cotidiano escolar, destacando nesse relato de experiência a relação professor-aluno, sendo o aspecto que mais chamou a atenção devido ao desinteresse mostrado pelos alunos na primeira etapa do processo de observação, e pelo fato de que essa relação é de extrema importância para a aprendizagem dos estudantes. Sendo assim a maneira que o professor se posiciona e relaciona com os discentes e os conteúdos abordados influencia no comportamento, interesse, aprendizagem e disciplina dos alunos.

Palavras-chave: Relação professor-aluno; inserção no ambiente escolar; educação; PIBID.

1. Introdução

A prática docente é uma tarefa com vários obstáculos, sendo necessário que o aluno que se prepara para ser professor possa exercer essa função com competência, mas no processo de formação muitos não possuem condições necessárias para investir nos seus estudos pela falta de tempo em se dedicar, devido à carga horária excessiva que possuem, dividindo os seus estudos com a necessidade de trabalharem.

Além disso, segundo Lorenzato (2006), dar aulas é diferente de ensinar, e ensinar é dar condições para que o aluno construa seu próprio conhecimento. Assim, buscando a inserção do aluno na escola desde o início de sua formação, juntamente com a superação da dicotomia entre a teoria e a prática, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM aderiu ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, pelo Edital de 2009, que começou a vigorar em março de 2010. Portanto, o PIBID está

preocupado em qualificar o estudante da licenciatura para que este saia da universidade, tendo condições necessárias para dar uma boa aula, compreendendo a necessidade que o aluno tem que aprender usando uma didática para que consiga assimilar bem os conteúdos.

De vários aspectos observados em atividades voltadas para a sala de aula decidiu-se neste texto abordar a relação professor-aluno, pois a nosso ver destacou-se como o aspecto mais marcante. De acordo com Silva e Santos (2002), a relação professor-aluno representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do educando para a vida, numa redefinição do processo ensino aprendizagem.

Numa abordagem tradicional o ensino é centrado no professor. Saviani (2001), sugerindo que o papel do professor é garantir que o conhecimento fosse obtido, independente do interesse e vontade do aluno. Acredita-se que os docentes não podem se prender a conceitos em que foi baseada a sua formação, tendo em vista que a atual cultura social mudou seu paradigma de comportamento e conduta social, sendo assim os professores devem se adaptar a essa nova cultura na qual os alunos estão inseridos, com isso cabe a ele procurar novos e diversos meios para o processo de ensino- aprendizagem.

De acordo com Schön (1997), existem situações conflitantes, desafiantes, que a aplicação de técnicas convencionais, simplesmente não resolve problemas. Isso não significa que os alunos não aprendem com as práticas e abordagem utilizadas de maneira tradicional, no entanto, deve-se adicionar essa prática o que se aprende no ambiente escolar, pois se devem usar diversos métodos para atingir o interesse dos estudantes, afinal o professor deve buscar diversas métodos com o intuito de atingir todos os alunos.

Rodrigues (1997), afirma que o educador não é simplesmente um repassador de conhecimentos para seus alunos, pois o seu papel é bem mais amplo, porque ultrapassa uma simples transmissão de conhecimentos. Sendo assim, a relação professor-aluno é de vital importância para que o docente deixe de ser esse mero transmissor.

Segundo Silva e Santos (2002) a interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares, do ano letivo e de semestres. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar. Esta relação interfere no processo de ensino aprendizagem, o bom relacionamento entre eles depende do diálogo, respeito e cooperação. Freire (1993) releva a importância de o professor ser uma pessoa humilde, amorosa e afetiva, pois sem essas características o seu trabalho perde o significado.

Assim, através de observações em duas Escolas Estaduais de Uberaba, MG participantes do projeto PIBID/Matemática, o objetivo deste trabalho foi a de analisar a relação professor-aluno a partir das atividades desenvolvidas no programa PIBID que tem com uma de suas principais finalidades a inserção dos alunos bolsistas e em formação inicial no ambiente escolar.

2. Metodologia

Na segunda quinzena do mês de outubro de 2011 foi proposta aos alunos bolsistas do PIBID uma atividade de observação de práticas em sala de aula que foi realizada em duas escolas estaduais de Uberaba, Minas Gerais. A Escola I é tida como escola referência, tendo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) acima da média nacional, e a Escola II, localizada em uma região periférica da cidade tendo o IDEB abaixo da média nacional.

Primeiramente assistiu-se a diversas aulas no Ensino Médio da Escola II para observar dentre outros aspectos, a relação professor-aluno. Em seguida no primeiro semestre de 2012 os alunos do projeto PIBID foram divididos entre as duas escolas participantes para assistir à avaliação de aprendizagem, e em continuação a correção de prova. Para fechar o processo de inserção destes alunos bolsistas na escola, foram ministradas aulas com a presença do professor supervisor e também no ensino médio de ambas as escolas.

3. Relato de experiências

Segundo Ferreira (1998), o relacionamento que o professor estabelece com os alunos parece ser de vital importância para a valorização da autoimagem e desempenho dos alunos. Quando se percebem estimulados, valorizados e reconhecidos, podem se esforçar bastante e persistir em tarefas que normalmente deixariam de fazer. Por outro lado, quando sentem medo, desconfiança e se percebem tratados de uma forma agressiva pouco interessada, podem obter resultados pobres e até mesmo abandonar a disciplina.

Assim, nas primeiras observações feitas notou-se que na Escola II, os alunos se mostraram preguiçosos indicando pouco interesse em relação ao conteúdo, sendo que poucos faziam as atividades propostas e sempre fazendo o possível para atrasar o

andamento das aulas, e mesmo quando a professora propunha atividades diferenciadas os alunos não levavam os materiais solicitados. Numa atividade sobre função exponencial a professora pediu diversas vezes para os alunos trazerem cartolina, arroz e cola, mas foram poucos alunos que trouxeram os materiais solicitados.

Assim, a professora pediu para que eles destacassem folhas do caderno e colassem até ficar do tamanho de uma cartolina e fizessem o desenho de 16 quadrados. Nesse dia a aula era dupla e os alunos demoraram uma aula para colar as folhas e desenhar os quadrados, em seguida foi pedido para que eles colassem arroz nos quadros começando com um grão de arroz no primeiro quadro, dois no segundo, quatro no terceiro e assim sempre dobrando o número de arroz a cada quadro, nenhum aluno conseguiu perceber a relação da função exponencial dessa atividade.

A falta de interesse percebida pode ser ocasionada por diversos fatores como um elevado número de alunos repetentes. Em conversa informal com uma aluna esta afirmou que não participava das aulas por que já havia visto o mesmo conteúdo e da mesma forma no ano anterior. Segundo Becker (1993), determinadas concepções pedagógicas, traduzidas didaticamente, fazem avançar, retardar ou até impedir o processo de construção de conhecimento. Assim o professor deve estar em constante mudança em sua forma de transmitir o conteúdo para que possa atingir a heterogeneidade presente na sala de aula.

Acredita-se ser importante a contextualização dos conteúdos abordados em sala e participação dos alunos durante as aulas para que eles possam ter um maior entendimento da matéria transmitida. Corroboramos com Pimenta (1991) ao afirmar que a autoridade do professor juntamente com a passividade do aluno, os conteúdos prévios e logicamente estabelecidos, sem nenhuma relação com a vida do aluno tendo um controle disciplinar rígido, ênfase na memorização, avaliação baseada na verificação da quantidade de conhecimentos.

No período de observação nos foi proposto ministrar três aulas, iniciando o conteúdo de função exponencial e que mostrasse aos alunos algumas aplicações deste conteúdo no cotidiano. Durante as aulas alguns alunos se interessaram perguntando em quais cursos é aplicado este conteúdo e alguns alunos até tentaram resolver os exercícios propostos, mas sempre perguntando o que deveriam fazer com as potências, como deveriam fazer as divisões, etc.

No entanto muitos alunos ainda se encontravam dispersos ressaltando a falta de interesse apontada em sala atribuída ao fato de que a maior parte carrega diversas

deficiências em relação aos conteúdos das séries anteriores, mostrando durante as aulas muita dificuldade com a matemática básica.

Em contra partida a professora pouco fazia para chamar a atenção dos alunos, pois se encontrava conformada com o desinteresse mostrado pelos estudantes. Apesar de a maior parte dos alunos estarem desinteressados, eles não faziam bagunça durante as aulas e respeitaram a docente.

No segundo momento desse trabalho foi assistida a aplicação de uma avaliação de aprendizagem. O conteúdo abordado na Escola I foi: conjuntos numéricos, operações com intervalo e equações. No início da realização da avaliação a professora solicitou aos alunos que destacassem uma folha do caderno e guardasse a calculadora para a realização da prova. Quando questionada por nós se ela verificava a folha que os alunos haviam pegado para resolver a prova ela indagou: *“nesta idade os alunos só sabem colar um do outro ou através da calculadora.”*. Percebesse com isso que a professora não acredita na capacidade da turma de colar de outras formas.

Em seguida a professora saiu de sala para analisamos o comportamento da turma na ausência dela e observou-se que alguns alunos tentaram “colar”, utilizar a calculadora sendo que a sua utilização havia sido proibido pela professora e outros ficaram parados “olhando para o tempo”. Devido este comportamento notou-se que a maioria dos alunos não estudou para a prova, sendo que muitos estavam dispersos e nem tentaram interpretar as questões propostas, e a justificativa dada por muitos foi que a avaliação estava muito extensa.

A relação professor-aluno neste caso mostrou-se ruim tanto por parte da professora quanto dos alunos. Para Carvalho (1996), a maneira como professor e os alunos vêem as manifestações de simpatia ou antipatia entre eles influenciarão positiva ou negativamente na produção escolar. Percebesse que essa turma não gosta da professora com isso eles não se esforçam para compreender o que esta sendo ensinado, resultando em várias notas abaixo da média.

A aplicação da avaliação de aprendizagem na Escola II foi sobre geometria espacial, sendo que os alunos poderiam utilizar à calculadora e uma folha que foi entregue pela professora alguns dias antes da avaliação onde eles poderiam utilizá-la para fazer anotações sobre o conteúdo usado durante a prova. Durante a organização da disposição das carteiras na sala de aula para avaliação alguns alunos fizeram comentários sobre a profissão docente, que é considerada pouco valorizada e desgastante, nos aconselhando a

mudar de profissão, e que para nós foi lamentável ver que os alunos não vêem a importância deste ofício.

Os alunos desta turma mostraram não ter estudado, devido a algumas perguntas feitas durante a prova como: “*se transformar a unidade de medida o volume aumenta?*”; “*o que é congruente?*”. Tais questionamentos nos surpreenderam indicando que os alunos não dominavam os conceitos e nem a linguagem matemática do conteúdo a qual estavam sendo avaliados.

Vários alunos entregaram a prova em branco, e outros nem tentaram resolvê-la, sendo que a turma se mostrou muito desinteressada com o conteúdo e mesmo utilizando anotações pediam as fórmulas para a professora e não conseguiam interpretar as questões. Essa despreocupação pode ter origem na oportunidade que lhes é dada no final ano para recuperarem suas notas, pois afirmaram que é melhor estudar somente no final do ano letivo do que no decorrer. Ao final da aula quando a maioria já havia entregado a avaliação estes começaram a tumultuar, atrapalhando os que ainda estavam a realizando, mostrando falta de respeito com os colegas de classe.

Drouet (1995) relata que na escola, o professor deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto. Assim, outro aspecto notado foi que a professora não se importou com a bagunça dos alunos não indicando preocupação com os que ainda estavam resolvendo a avaliação. Devido ao desinteresse da professora nota-se que nesse caso não há uma real relação professor-aluno o que é de suma importância para o aprendizado dos alunos.

Na terceira etapa participou-se da correção de prova nas mesmas turmas em que foi observada a aplicação de prova. Na Escola II a correção da prova foi feita de uma forma bastante tradicional onde a professora entregou as provas e solicitou aos alunos que copiassem no caderno os enunciados e em seguida ela resolveu as questões no quadro. Os alunos permaneceram em silêncio durante a aula talvez pelo fato de que vários terem tirado zero.

Na Escola I corrigimos a prova de 10 alunos dentre os 36 alunos que a realizaram e durante o processo de correção percebeu-se que os alunos apresentaram diversas dificuldades na compreensão do conteúdo e também falta de atenção na leitura dos enunciados.

Após observar os alunos durante a aplicação de uma avaliação de aprendizagem de matemática foi proposto aos alunos bolsistas, pelo professor coordenador do subprojeto matemática, que fosse elaborado um planejamento de aulas através da sequência de planos de aula, sendo que o conteúdo seria aquele que as professoras supervisoras das duas escolas estivessem ministrando naquele momento.

Assim, foram ministradas seis aulas referentes ao teorema de Pitágoras na Escola I e seis aulas com o tema Matrizes na escola II. As aulas ministradas na Escola I foram elaboradas com o objetivo de instigar os alunos, fazendo com que eles construíssem através de atividades o teorema de Pitágoras, pois assim eles seriam capazes de compreender sua importância.

A maioria das atividades propostas foi desenvolvida em trios, pois acredita-se que os alunos poderiam estar se ajudando. Durante todas as aulas ministradas a professora supervisora participou dando ideias e também acalmando a turma.

Steffe e Galle (apud Benaim, 1995) apresentam as visões do aprendiz e do professor, sob o ponto de vista construtivista. Para estes autores, o aprendiz, ao invés de um absorvedor passivo da informação, é visto como um indivíduo ativamente engajado na construção do conhecimento, trazendo consigo seu conhecimento anterior para enfrentar as novas situações. A maioria da classe se interessou pelas atividades, no entanto percebeu-se que estes já se acostumaram tanto com a aula tradicional que não conseguem aprender utilizando a investigação.

As aulas na escola II foram compostas por contratempos como a dificuldade dos alunos em somar números inteiros e frações, o que é alarmante, afinal são conteúdos que teoricamente deveriam dominar desde o 6º ano do Ensino Fundamental, o que mostra a deficiência do atual sistema de ensino. Os alunos tiveram um bom comportamento durante as aulas, sendo que a maioria se dispôs a resolver os exercícios propostos em sala, mesmo assim alguns alunos não mostraram entusiasmo pela matéria por mais que tentássemos despertar o seu interesse, no entanto não tumultuaram a aula.

4. Considerações Finais

Diante do exposto, conclui-se que o PIBID tem nos proporcionado a oportunidade de estarmos inseridos tanto na condição de alunos, como de futuros professores. Oportunidade esta que conseguiríamos somente após o final do curso de licenciatura em

matemática. A partir disso, o programa tem nos permitido a reflexão sobre a prática docente de um professor de matemática e agir criticamente diante de situações propostas em sala de aula.

LOPES (1991) enfatiza que,

[...] as virtudes e valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve. O modo como o professor age perante a sala de aula influencia no desenvolvimento da turma e no processo de ensino aprendizagem, afetando as concepções dos alunos em relação à matemática.

Assim como afirma Abreu e Masetto (1990), o modo que o professor age em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade.

Segundo Morales (2000) observou que os alunos menos motivados, menos interessados pelas atividades, recebem dos professores comentários negativos, mensagens que os desmotivam ainda mais. E aqueles que são mais ativos, mais motivados, recebem mais reforço positivo do professor. Com isso o professor deve agir de forma amigável com todos não paparicando este ou aquele aluno porque ele participa mais da aula e sim motivando a turma como um todo, mais para isso é necessário que o professor tenha uma formação sólida, e sempre se baseie nos conhecimentos teóricos e práticos.

Freire (1993) ressalta que a relação entre educadores e educandos é complexa, fundamental, difícil e, por isso mesmo, deve ser repensada constantemente.

Desta forma, a participação dos graduandos no PIBID tem sido importante no processo de constituição da identidade profissional, do conhecimento da matemática e do conhecimento sobre o ensino da matemática, no momento em que os licenciandos têm a oportunidade de gerir relações pessoais e sociais, com o conteúdo, com o ensino e com a aprendizagem.

Além disso, a troca de experiências entre alunos bolsistas, professores supervisores (professores com experiência na docência no Ensino Fundamental e no Ensino Médio) e coordenador de área, ocorre durante todo o tempo de participação no projeto o que tem trazido experiência que não pode ser adquirida somente cursando as disciplinas cursadas na Licenciatura em Matemática.

5. Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID que propiciou o desenvolvimento deste trabalho, bem como à Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e às Escolas Estaduais Professora Corina de Oliveira e Santa Terezinha.

6. Referências

- ABREU, M.C. e MASETTO, M.T. *O professor universitário em aula*. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.
- BECKER, F (1.993). *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- BENAIM, D. *Memorandum for Dalton School's Educational Policy Committee* nov. 1995.
- CARVALHO, J. S. F. *Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais*. In: AQUINO, J.G. (Org) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summos,1996, p. 129-138.
- DROUET, R.C.R. *Distúrbios da aprendizagem*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERREIRA, A. C. *O desafio de ensinar - aprender matemática no noturno: um estudo das crenças de estudantes de uma escola pública de Belo Horizonte*. Campinas; SP:[s,n],1998.x
- FREIRE, P. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 2.ed. São Paulo: Olho D'água, 1993.
- LOPES, A. et al. *Repensando a Didática*. São Paulo: Papirus, 1991.
- LORENZATO, S. *Para aprender matemática*. (Coleção Formação de Professores). Campinas, SP. Autores Associados, 2006.
- MORALES, P. *A relação professor-aluno: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola. 2000.
- RODRIGUES, N. *Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, S.G. *Saberes pedagógicos e atividades docentes*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, D. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SCHÖN, D. *Os professores e sua formação*. Portugal: Dom Quixote, 1997.

SILVA, Andréa Catarina; SANTOS, Rosane Moreira. *Relação professor aluno: uma reflexão dos problemas educacionais*. Universidade da Amazônia. Belém, PA, 2002. Disponível em: <www.nead.unama.br/site/bibdigital/.../relacao_professor_aluno.pdf> Acesso em: 28 agosto 2012.